

Adolescência contemporânea e a espetacularização midiática da violência escolar

Contemporary adolescence and the media spectacularization of school violence

Recebido: 04/01/2023 | Aceito: 28/04/2023 | Publicado: 03/05/2023

Murilo Oliveira Marquez¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6568-7574>

 <http://lattes.cnpq.br/5466498421055063>

Universidade de Brasília, UnB, DF, Brasil

E-mail: murilo.marquez@ifb.edu.br

Resumo

O objetivo deste artigo é debater como os impasses da adolescência contemporânea em um contexto de domínio do discurso neoliberal nas escolas pode ter como consequência a manifestação de atos de violência. Apresentamos como a adolescência tornou-se um ideal cultural por encarnar o ideário neoliberal de liberdade e satisfação plena. Apontamos as dificuldades na travessia da adolescência em função das modificações corporais, resignificação das relações com os pais e da necessidade de reconstrução do laço social. Por fim, discutimos como a violência escolar pode irromper a partir do acirramento das relações entre professores e estudantes como efeito das investidas do neoliberalismo na educação básica.

Palavras-chaves: Adolescência. Ideal Cultural. Neoliberalismo. Violência Escolar.

Abstract

The purpose of this article is to discuss how the impasses of contemporary adolescence in a context of dominance of neoliberal discourse in schools can result in the manifestation of acts of violence. We present how adolescence has become a cultural ideal for embodying the neoliberal ideals of freedom and full satisfaction. We point out the difficulties in crossing adolescence due to body changes, reframing relationships with parents and the need to rebuild the social bond. Finally, we discuss how school violence can erupt from the intensification of relations between teachers and students as an effect of neoliberal attacks on basic education.

Keywords: Adolescence. Cultural Ideal. Neoliberalism. School Violence.

¹ Graduado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás (2008). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2013). Doutorando em Educação pela Universidade de Brasília (2018). Atualmente é servidor público, Técnico em Assuntos Educacionais, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - IFB. Tem experiência na área de Educação, Ciência e Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: as implicações do sujeito do inconsciente, o fenômeno social da pós-verdade, os impactos da relativização da verdade na educação escolar. Tendo os conceitos da teoria psicanalítica, Freud e Lacan, como referencial teórico.

1. Introdução

A invenção da adolescência é efeito do discurso contemporâneo que procura demarcar a diferença da infância com com esta nova posição subjetiva que exige uma mudança frente ao sexual e a construção do laço social (ANACLETO; FONSECA, 2021). A caracterização da adolescência é um fenômeno recente em nossa história e está ligada aos interesses do neoliberalismo que viu nesta fase da vida um caminho rentável para a indústria de consumo.

Até os anos 60, o período da adolescência era entendido como uma etapa intermediária para a aquisição de habilidades e competências necessárias para que o sujeito chegasse a idade adulta em um nível de desenvolvimento e maturidade adequados. Contudo, se antes os adolescentes procuravam imitar os adultos em uma tentativa de ser reconhecido pelos mesmos, agora são os adultos que procuram se encaixar na lógica do modelo adolescente. Kehl (1998) definiu esse fenômeno de “teenagização” da cultura ocidental, pois há um processo de idealização da adolescência em que todos querem permanecer.

Para Rocha e Garcia (2008) a adolescência se tornou um ideal cultural na medida que dita tendências culturais e mercadológicas, cujas insígnias são elevadas à categoria de modelo identificatório para qualquer faixa etária e passa a ser um estilo de vida dominante na sociedade. Entretanto, a adolescência encarna um paradoxo, isto é, trata-se de um ideal cultural contemporâneo ao mesmo tempo que caracteriza-se por um período de impasses em sua travessia.

A adolescência implica em um trabalho psíquico de elaboração das transformações do próprio corpo, ressignificação das relações familiares e a tentativa em responder as injunções da sociedade (COUTINHO; MADUREIRA, 2021). O percurso da adolescência contemporânea no contexto do neoliberalismo tem reverberado nas escolas tensões entre professores e estudantes que podem desencadear atos de violência como resposta aos impasses próprios da adolescência e a falsa promessa de mobilidade social promovida pela educação formal.

Os adolescentes estão muito expostos a violência familiar e comunitária, bem como as instituições escolares são ambientes com práticas excludentes e de violação de direitos de jovens nesta faixa etária (GIORDANI et al., 2017). O fenômeno da violência escolar não é recente e abarca várias características, gerando prejuízo aos professores, estudantes e à comunidade em geral (GOMES; BITTAR, 2021).

Zuin (2008, p. 586) nos alerta para a banalização da violência na escolas que se “metamorfoseiam em acontecimentos espetaculares que são imediatamente apropriados como mercadorias audiovisuais pela indústria cultural contemporânea”. Há um sensacionalismo propiciado pelos veículos de comunicação de massa que na busca por audiência não conseguem problematizar de forma honesta, democrática e participativa ações concretas que deveriam ser efetivadas como política pública nacional de prevenção e enfrentamento da violência nas escolas.

2. Adolescência como ideal cultural contemporâneo.

Em nossa cultura ocidental a adolescência tem relação direta com o ideário social individualista e cientificista da modernidade que passou a caracterizar e institucionalizar os espaços públicos e as fases da vida. No século XX, este processo de ordenação gerou determinadas formas de identidades e grupos juvenis, múltiplos e diferenciados, que se tornaram autônomos em relação aos adultos (ROCHA; GARCIA, 2008).

Essa forma discursiva de abordar a adolescência ganhou contornos mais precisos no pós-Guerra e vem se tornando um fetiche social. Acreditamos que a adolescência ocupa um lugar de destaque em nossa sociedade, pois as crianças almejam chegar cada vez mais precocemente a ela e os adultos têm dificuldades de abandoná-la. Assim, percebemos que o estilo de vida adolescente, que encarna no imaginário social o sonho de liberdade e satisfação plena, tornou-se um ideal em nossa cultura.

[...] acompanhamos na contemporaneidade uma crescente centralidade do adolescente [...] A adolescência seria vista como o auge da perfeição, do gozo absoluto, da felicidade. Tornando depositário de um ideal social, o adolescente se vê confrontado com uma demanda excessivamente imaginarizada. [...] A resposta dada pelos adolescentes a esse imperativo de gozo é muitas vezes a da inadequação. (ANACLETO; FONSECA, 2021, p. 07)

A adolescência é uma subcultura contemporânea, com formas de sociabilidade próprias e narcisicamente diferenciadas, com trocas simbólicas capaz de sustentar uma unicidade entre eles. Existem condições próprias que servem de senha para serem aceitos como membros desse grupo social tão invejado por uma parcela significativa de adultos.

A indústria cultural também tem um papel preponderante na produção discursiva sobre a adolescência. Pois, percebemos a existência de produções cinematográficas, literárias e musicais dirigidas especificamente para esse público, promovendo uma proliferação de ídolos, elevado ao *status* de heróis nacionais, ou mesmo internacionais, utilizados como modelos ideais para atender determinadas funções do psiquismo.

De acordo com Lesourd (2004), todo ídolo é proposto ao seu adorador e o lugar ocupado por eles é de identificação, seja individual ou coletiva, pois permitem aos sujeitos uma proximidade de identidade, reconhecendo entre si como pertencentes ao mesmo mundo, facilitando assim, as escolhas, responsabilidades e engajamentos morais e sociais que a operação adolescente exige. O autor afirma que os ídolos são as figuras substitutas dos pais decaídos com o fim da infância. Seriam uma tentativa de restabelecer uma ferida narcísica deixada por essa destituição das imagens parentais.

Nos centros dos processos de idolatria, encontra-se a função psíquica de idealização, na sua versão do ideal do eu. O ideal do eu é, resumindo o seu uso, aquilo que o sujeito pensa que deve ser, o modelo ideal daquilo que ele deveriaser e segundo o qual ele se julga. Essa instância ideal está também em ligação com o sentimento que o sujeito tem de ser amável. Quanto mais o sujeito está de acordo com o seu ideal do eu, mais o sujeito se sente amado por si mesmo (LESOURD, 2004, p. 80).

Os ídolos oferecidos pela cultura estão ligados a maneira como a sociedade administra o tempo de solidão identificatória sentida pela queda das figuras paternas, vistos não mais como perfeitos, infalíveis ou onipotentes. Os modelos de ídolos são o protótipo do que exprime os ideais culturais em nossa sociedade capitalista, isto é, belos, exibicionistas, bem sucedidos, ousados, etc. Cada geração de adolescentes são recobertas continuamente pela flutuação e rotatividade de ídolos produzidos pela indústria cultural, na qual o jovem se deixa seduzir e procura imitar.

É nesse cenário de multiplicidade de parâmetros e opções de modelos de identificação, proporcionado por nossa sociedade de consumo, que o modo de ser

adolescente será apropriado e idealizado como estilo de vida a ser seguido, sem limites de idade. Entendemos que a fetichização da adolescência, como referência de experiência subjetiva, foi gestada em um contexto de culto a liberdade individual exacerbada, que busca fomentar e compartimentar novas identidades, regidas pela lógica do consumo inveterado, otimizando a produtividade e os lucros do empresariado.

[...] valorização da adolescência como entidade que garantisse liberdade, tempo de livre escolha, acesso a uma diversidade de identidades. [...] a adolescência se torna inevitavelmente o ideal da vida adulta [...] Em uma sociedade moderna, o adolescente – seja qual for sua escolha cultural – é sempre invejável. [...] eles [os adultos] buscam um prazer menos utópico e mais narcisista e acabam por encontrá-lo na imagem dos adolescentes idealizados, que oferecem um estilo identificatório, praticável e consumível [...]. (LACERDA; AZEMBUJA, 2016, p. 49)

Os adultos temem a se identificar com os adolescentes atuais porque eles representam o ideal produzido pelo neoliberalismo. Como aponta Jucá e Vorcaro (2018) o adolescente está enodado no discurso capitalista que responde ao imperativo de satisfação irrestrito, sem balizas e que não se submete a lei simbólica que deveria impor algum limite ao sujeito.

Neste contexto de gozo aparentemente ilimitado, eclode uma multiplicidade de identidades, configuradas a partir de referenciais simbólicos pulverizados, instáveis e transitórios que orientam uma diversidade de modos do adolescente estar no mundo. Assim, os adolescentes apresentam dificuldades em manter uma certa estabilidade de suas identidades, pois são tantas as escolhas possíveis, tantos caminhos a serem seguidos, que eles não consegue construir um projeto de vida mais durável. Essa mobilidade identitária, parece estar em consonância com a efemeridade dos bens de consumo produzidos pelo capitalismo, na qual o ideal de liberdade de escolha é propagado como um dos valores mais preciosos.

Rocha e Garcia (2008) apontam a existência de uma certa estetização da vida dos adolescentes que tem sido expostos a uma variedade enorme de estilos ao longo das últimas décadas do século XX, cujos efeitos impactam a relação deles com o próprio corpo, as escolhas de vestuário, atividades de lazer, profissionais, etc.

[...] a estetização da vida se articula com os movimentos artísticos da década de 20 que propuseram a destituição de fronteiras entre a arte e a vida cotidiana.[...], ela designa um desejo de transformar a vida em obra de arte, movimento de estilização da vida que deveu muito às contraculturas juvenis e artísticas, desde o bohème até o rock dos anos 60. [...], designa a propagação de tais características pelo tecido social como um todo graças à emergência de uma cultura de consumo que promove uma busca incessante por novos gostos, estilos e sensações através da identificação com os objetos e as imagens. (ROCHA; GARCIA, 2008, p. 627)

Dessa forma, podemos dizer que a estetização da vida dos adolescentes implica considerar que sua sociabilidade está assentada na apropriação de objetos e bens de consumo oferecidas pela indústria cultural, na qual o que se consome não tem mais relação com seu valor de uso, sua utilidade, mas sim com o seu valor simbólico, seus efeitos de sentido, favorecendo o reconhecimento ou o pertencimento a um determinado grupo social, que teriam modos de existir de acordo com as marcas identitárias que os representam.

Kehl (1998) afirma que os adolescentes vêm responder a um imperativo

categórico virulento que transforma os signos ou traços de identidade dos diversos grupos formados por eles em mercadorias, em algo que possa ser comercializado. Há um interesse da indústria cultural neoliberal em acolher essas tribos de adolescentes no intuito de converter essa fase da vida em um período de elevado consumo, na qual os adolescentes interessados em se diferenciar dos adultos no que diz respeito aos estilos e imagens, sintam-se convocados a consumir cada vez mais.

Mergulhado nesse jogo consumista, fica mais fácil colocar a adolescência como um ideal cultural em nosso sistema capitalista. Contudo, para Coutinho e Madureira (2021) o discurso capitalista caracteriza-se por contrações que empurram o adolescente a diferentes formas de satisfação, mas também impõe diversos modos de sofrimento que afetam a estrutura do laço social. A lógica do capital leva a destituição do outro, o esvaziamento do sentido da vida, corroi as bases simbólicas da convivência.

3. Os impasses da adolescente na contemporaneidade

Apesar da adolescência ter se tornado um ideal cultural na contemporaneidade, não podemos esquecer as dificuldades enfrentadas por qualquer sujeito em relação a travessia dessa fase da vida. Anacleto e Fonseca (2021, p. 03) salienta que a experiência adolescente não se restringe às alterações biológicas do corpo, mas é produto do discurso social que pode levar “a impasses e sofrimentos psíquicos”.

Na perspectiva de Jucá e Vorcaro (2018) há uma diferença entre puberdade e adolescência. A primeira seria um conjunto de mudanças disparadas no corpo, preparando-o para a aptidão física da reprodução. Já a segunda é um evento de estruturação psíquica circunscrita socioculturalmente em uma dada época. A adolescência é um tempo importante de retomada de questões muito elementares que passaram com o sujeito até então.

Essa retomada que irá resignificar a infância e projetar o adolescente para a vida adulta irá estabelecer os caminhos a serem seguidos por cada um deles a partir das demandas subjetivas e da busca por reconhecimento social. A conduta dos adolescentes, geralmente, são consideradas atípicas quando comparada ao padrão adulto, na qual são lidas socialmente como uma ameaça à ordem estabelecida e aos preceitos familiares. Nesse sentido, Calligaris (2000) delinea alguns perfis adolescentes enquanto uma resposta rebelde às exigências ambíguas dos adultos.

Dentre esses estilos temos o adolescente gregário que seria aquele que aglomera-se em grupos sociais de faixa etária próxima, reconhecido mutuamente pelos pares, dos quais os adultos estariam excluídos. Nesses grupos, há critérios de admissão objetivos, explícitos e praticáveis, o que facilita os processos de identificação entre eles. Há uma certa informalidade e abertura nessas “comunidades” de jovens de acordo com a composição de imagem exigida como pré-requisito que os reconhecem como um traço comum, sejam eles *emo*, *punk*, *rave*, *clubbler*, *gótico*, etc.

Há um certo receio por parte dos adultos a respeito dessa tendência gregária dos adolescentes, pois consideram anormal e perigosa esse pacto coletivo que questiona a autoridade familiar e as relações hierárquicas entre as gerações. Essa preocupação reflete o temor dos adultos de que a insubordinação juvenil leve a comportamentos de riscos evolutivos, frustrando os planos dos pais de uma vida idônea que os filhos deveriam trilhar. Calligaris (2000) entende que a formação dessas tribos decorre da falta de clareza de como participar do mundo dos adultos e da negação de reconhecimento por parte destes.

O adolescente delinquente seria um transgressor radical, que percebendo a rejeição dos adultos tenta impor pela força aquilo que aparentemente não é ouvido, forçando o sujeito a cometer infrações e crimes para se fazer reconhecido, ao menos por um certo grupo social. Assim, se associar para deliberadamente romper com o pacto social, burlando a lei, é uma das estratégias encontradas pelos jovens, não para escapar das consequências de seus atos, mas, ao contrário, buscam acioná-la, para que os agentes da repressão corram atrás deles e assim os aceite como membros dessa sociedade dominada pelos adultos, ou melhor, os reconheçam como portadores de algo que foi recalçado pelos adultos.

Essa postura subversiva, muitas vezes predatória, é o avesso do modo de satisfação de um ideal social de sucesso e retidão moral que os adultos insistem em instigar nos adolescentes. Segundo Calligaris (2000) o pensamento dos jovens seriam mais ou menos assim: "Me disseram que era crucial enriquecer, ter sucesso e poder. Não me deixaram competir - pediram para esperar. Então eles vão ver." Esse tempo de espera, essa promessa engendrada pelos pais, não funcionam mais na adolescência contemporânea, que implica uma nova posição subjetiva que tem dificuldades de postergar, ou mesmo, renunciar para que no futuro possa alcançar o pretendido. Para o adolescente de hoje, o que importa é o aqui e agora!

Nessa linha de perfis adolescentes, há também os toxicômanos, que seriam os herdeiros de uma geração (os adultos de hoje) que associou o uso de drogas à autonomia, liberdade individual e sexual, revolução social, mas que foram abandonadas e esquecidas por eles. Podemos dizer que a relação que os adolescentes atualmente têm com as drogas é devota desse capítulo de rebeldia que os pais recalçaram ao desistirem de sua revolta e aceitarem valores mais estabelecidos ao tornarem-se adultos. Assim, a tentativa dos pais em querer afastar dos filhos o contato com as drogas, com discursos moralistas e proibicionistas, pode ter um efeito inverso pois muito do que é interdito socialmente torna-se tentador para os jovens.

O adolescente toxicômano, aquele persistente no abuso de drogas, assusta por quebrar uma regra básica do funcionamento do desejo no capitalismo neoliberal, isto é, "o drogado para de deslizar de um objeto a outro, da roupa ao carro, ao parceiro bonito - todas metáforas no caminho de um *status* social que nem a totalidade dos objetos poderia produzir. A droga - à diferença dos outros objetos - apagaria o desejo" (CALLIGARIS, 2000, p. 47). Logo, a apreensão dos pais em relação a possibilidade de que seus filhos sejam dependentes químicos repousa no medo de que eles desistam de competir na escola, deprimam-se, e portanto, renunciem a conquista de determinados valores imprescindíveis para uma vida de sucesso na sociedade de consumo.

O adolescente que se enfeia, seria aquele que busca contrariar o padrão estético dominante, muitas vezes como forma de agredir e automaticamente se separar do modelo considerado adequado pelos adultos. O ato de se enfeiar corresponderia a uma tentativa de contestar o que tradicionalmente foi consagrado em nossa indústria cultural. Outra hipótese para justificar esse esforço para tornar-se feio seria para prevenir-se de uma certa insegurança em função de olhares que poderiam não achar determinados adolescentes desejáveis de acordo com as regras vigentes.

Por fim, Calligaris (2000) nos fala sobre o adolescente barulhento, aquele identificado com ídolos atuais do cinema, dos esportes, mas principalmente da música, em que é possível adotar um estilo de dança, um *look*, determinados

gestos, capaz de compor sua identidade. É senso comum perceber a necessidade do adolescente, em seu quarto, de ouvir música estourando as caixas de som ou com fones de ouvido no último volume.

Todos estes “estilos” de ser adolescente, em uma tentativa de provocar ou questionar os adultos, atravessam as escolas brasileiras. Na medida em que eles precisam ser educados para o mercado de trabalho e para exercer a cidadania, as instituições de ensino básico são fundamentais nesse processo e precisam lidar com toda diversidade de adolescentes em sala de aula. O discurso presente nas escolas é de que a adolescência é um período de “crise” e, muitas vezes, professores e gestores tendem a estigmatizar e patologizar os estudantes nessa faixa etária.

[...] a crise na adolescência mostra sua relação com algo que se passa no endereçamento da palavra dos adultos para com as crianças e adolescentes, ou seja, algo que diz respeito à educação que se dispensa às novas gerações. [...] O educar no mundo moderno está permeado pela tensão entre a comunidade do mundo e a abertura para o novo. A crise educacional revela a crise própria do mundo moderno e, ao mesmo tempo, dá a oportunidade de refletir sobre aquilo que é essencial, ou seja, sobre o que a chegada das crianças [ou dos adolescentes] ao mundo humano impõe àqueles que já estão aí. (ANACLETO; FONSECA, 2021, p. 07 e 08)

Nesse contexto, o modo como a adolescência será experienciada por cada sujeito no ambiente escolar tem relação com os discursos sociais dominantes de cada época e não apenas pelas transformações corporais e individuais que irrompem neste período da vida. Assim, a escola é lugar privilegiado de transmissão de discursos que atendam a função primordial de acolher e ampliar as vivências dos estudantes para além do âmbito familiar.

Os professores terão a incumbência de apresentar o patrimônio cultural historicamente acumulado e transmitir aquilo que a sociedade considera como valores fundamentais para a manutenção do pacto civilizatório que “transcende o tempo de uma vida humana ao ser passado de geração em geração” (Ibidem, p. 09). Entretanto, é notória a tensão existente entre os educadores e os estudantes adolescentes que precisam alinhar suas convivências no espaço escolar.

4. Neoliberalismo, violência escolar e a espetacularização midiática

A escola contemporânea vive o dilema de educar os adolescentes a partir da hegemonia do discurso neoliberal em um contexto de queda da autoridade do professor. São inúmeras as queixas dos professores em relação as más condições de trabalho, os baixos salários, a falta de participação dos pais, a agressividade dos estudantes, etc. Os estudantes, por sua vez, reclamam de sofrerem preconceitos, bullying, não serem escutados em suas reivindicações, etc. Há um sofrimento na escola que pode encontrar na violência a expressão desse mal-estar que atinge toda a comunidade escolar.

O discurso pedagógico neoliberal acirra as relações entre professores e estudantes que precisam alcançar bons resultados nas avaliações promovidas pelo Estado a partir de uma lógica de competitividade entre as escolas. Além disso, muitas escolas são normativas e conservadoras em relação os estudantes que acabam marginalizando os modos de manifestação sociocultural dos adolescentes (forma de vestir, gosto musical, gírias, etc) ou patologizando seus comportamentos que diferem do esperado. Ao agir desta maneira a escola “sela destinos, rotula e estigmatiza” (ANACLETO; FONSECA, 2021, p. 10).

A escola não é isenta de práticas de exclusão e violência, pois reflete o mal-

estar próprio de nossa cultura neoliberal que preconiza de modo exagerado a individualidade, competição, eficiência e consumismo. Nesse cenário, Charlot (2002) elenca três níveis de violência praticadas pelas escolas: a violência na escola que ocorre no interior das instituições como resultado da ação dos estudantes; a violência à escola relacionada ao vandalismo sobre o patrimônio público e a violência da escola que diz respeito as formas institucionais de violência contra os estudantes como avaliações punitivas, manifestação de discriminação, negligência com a aprendizagem, dentre outros.

Todas essas expressões de violência estão no rastro do descaso do poder estatal em oferecer as condições necessárias para que as escolas possam ofertar uma educação de qualidade para a maioria da população que se encontra matriculada no setor público. Este processo de sucateamento promovido pelo neoliberalismo faz com que os professores e estudantes desacreditem que a escola possa cumprir sua função de promoção da justiça social.

Essa descrença na escola acentua o mal-estar que manifesta-se em atitudes de hostilidade e agressividade por parte dos estudantes contra seus colegas e professores. Submetidos aos receituários neoliberais de meritocracia e produtividade, os professores sentem-se frustrados ao não alcançarem esses ideais em sala de aula. Os estudantes também se angustiam por experienciar a precarização da educação e das próprias condições de vida pelo neoliberalismo.

A descreça cada vez maior do aluno em relação ao poder do processo educacional/formativo de lhe proporcionar uma melhor qualidade de vida não deixa de incorporar a falsidade da promessa de que, na nossa sociedade, todos estão sujeitos à obediência das leis, que devem ser, portanto, coletivamente respeitados. Os contratos sociais cada vez mais “primam” pela contradição entre a veracidade dos conteúdos ideológicos de liberdade e igualdade de seus discursos e o desmentido destes mesmos conteúdos nas práticas cotidianas. (ZUIN, 2008, p. 594)

Nas escolas, a insatisfação dos estudantes tem como alvo os professores que representam a contradição do discurso neoliberal. É angustiante para o adolescente ter que lidar com as demandas da escola em ser bem sucedido nos estudos e ter que se adequar aos ditames da indústria cultural em consumir sempre mais, a partir daquilo que é vinculado pela mídia e que serviria como critério de reconhecimento social.

O grau de inclusão ou exclusão, nessa lógica da sociedade de consumo, dependerá do lugar ocupado pelo adolescente na pirâmide social e, como sabemos, a maioria dos estudantes provém das camadas mais desfavorecidas. Logo, os adolescentes mais privilegiados economicamente poderão ser “bons consumidores”, antes mesmo de ingressarem no mercado de trabalho. O que, obviamente, não acontecerá com a maior parcela da população em geral.

Os adolescentes dos estratos econômicos mais abastados gozam de uma longa moratória, durante a qual aguardam a integração ao mercado de trabalho [...]. Para os adolescentes das camadas empobrecidas das grandes cidades brasileiras, essa inserção se dá de forma mais rápida; mesmo assim, tentam continuar o processo de escolarização visando melhores oportunidades no mundo do trabalho. (LEGNANI et al., 2012, p. 213)

Esse tempo de espera imposto a maioria do adolescente brasileiro em inserir-se no mundo do consumo, associado ao descrédito da escola em promover

mobilidade social, bem como o laborioso trabalho psíquico em tornar-se adolescente em um mundo repleto de contradições e injustiças pode nos dizer algo sobre comportamentos inadequados ou hostis dos estudantes para com as escolas.

Estas atuações agressivas dentro das insituições de ensino tem sido capturadas pelos meios de comunicação de massa que estão empenhados em “transformar tais atos em espetáculo audiovisuais que são transmitidos em escola global e em tempo real [...]” (ZUIN, 2008, p. 593). Há uma espetacularização da violência escolar pela mídia hegemônica que busca estímulos audiovisuais cada vez mais agressivos para alavancar a audiência em um processo de banalização deste fenômeno social.

São inúmeros os casos de atos de vandalismo e agressão contra professores expostos em manchetes sensacionalistas que visam capturar a atenção da população provocando um recrudescimento de dessensibilização quanto ao consumo destes estímulos violentos. Estes acontecimentos adquirem um poder simbólico que provoca uma espécie de vício que clama por doses cada vez maiores (ZUIN, 2008).

Ao promover este tipo de espetáculo midiático com cenas cinematográficas de práticas violentas no ambiente escolar, os veículos de comunicação de massa não engajam o debate público em pensar formas de prevenir e enfrentar essa problemática social. Geralmente, busca-se explicações pouco elaboradas e tendem a culpabilizar de modo individual os autores dos atos. Não levam em consideração a debilidade do laço social engendrado pelo neoliberalismo.

No intuito de minimizar os episódios de violência em sala de aula e na escola, o professor pode construir uma relação mais horizontalizada com os estudantes, abrindo-se para o diálogo a partir de uma posição de escuta das questões que afetam os adolescentes e que certamente dará pistas de como tornar o estudante um parceiro social na luta por uma educação mais inclusiva e de qualidade.

O professor ao praticar a escuta como experiência educativa pode contribuir para que o estudante coloque a palavra em circulação e possa expressar seu descontentamento, angústia, raiva, pois “sem a palavra a violência é sempre exponencial. Não é a punição, o medo ou o desamparo que tratam a violência: é a palavra” (DUNKER, 2020, p. 121).

Nesse sentido, a escuta ativa e sensível entre professores e estudantes possibilitaria a recriação do laço social em que as divergências e conflitos possam ser mediados respeitando a singularidade dos sujeitos envolvidos, porém escutar é “sinônimo de conversa longa, complexa, difícil e perigosa” (Ibidem, p. 137). Vale ressaltar que a violências nas escolas não serão sanadas somente pelo fortalecimento das relações entre os atores escolares.

A verdade de que os problemas relativos às práticas de violência presentes nas escolas não serão resolvidos exclusivamente pelo estabelecimento de vínculos de confiança e respeito entre os alunos e professores, haja vista o incremento de condições objetivas de miserabilidade material e espiritual, não pode, por outro lado, eclipsar a relevância de tais interações para o arrefecimento dessas mesmas práticas de violência. (ZUIN, 2008, p. 588)

Em outras palavras, não é possível pensar o fenômeno social da violência escolar apartado das condições de vulnerabilidade socioeconômicas em que os estudantes estão submetidos, em especial os da escola pública. Não se pode

pensar o estudante adolescente “desenraizado da cena política na qual ele se dá. É necessário haver um amparo simbólico mínimo na lógica discursiva, social e política ao sujeito adolescente” (ANACLETO; FONSECA, 2021, p. 10).

Se queremos uma sociedade menos beligerante e violenta, o Estado precisa garantir à sociedade brasileira as condições mínimas de uma vida digna para que os estudantes possam exercer a cidadania de forma democrática, justa e plural como preconiza a Constituição Federal. A escola só será capaz de viabilizar uma educação crítica, participativa, minimamente pacificada, em um contexto de condições materiais mais justo e equânime.

5. Considerações Finais

Na contemporaneidade a adolescência tem se tornado um ideal cultural por encarnar no imaginário social o ideário neoliberal de liberdade e satisfação plena. Anacleto e Fonseca (2021) assinalam que a adolescência é percebida pelos adultos como o auge da perfeição, da gratificação dos desejos e da felicidade, convertendo-se em um fetiche social. Nesse sentido, Kehl (1998) acredita que vivemos uma “teenagização” da cultura ocidental em que as crianças almejam chegar o quanto antes e os adultos desejam permanecer o máximo possível.

Contudo, a adolescência sustenta um paradoxo que diz respeito ao fato de ser um ideal cultural em nossa sociedade e simultaneamente caracterizar-se como um período de difícil travessia, uma vez que ocorrem profundas transformações corporais, nas relações com os pais e na construção do laço social. Na perspectiva de Jucá & Vorcaro (2018) a adolescência é um tempo de relaboração da infância e de reestruturação psíquica frente as novas demandas socioculturais. Calligaris (2000) debate os vários “estilos” do adolescente contemporâneo, dentre eles o gregário, o transgressor, o toxicômano e aquele que se enfeia, como resposta aos impasses de ser adolescente na contemporaneidade.

Na medida em que a escola é responsável por educar os adolescentes, as questões que atravessam o sujeito neste período da vida alcançam as instituições de educação básica. Os impasses da adolescência associado à presença do discurso neoliberal nas escolas acirram as relações entre professores e estudantes que estão submetidos a um contexto de precarização da escola que não consegue oferecer uma educação que melhore as condições de vida dos estudantes para que possam exercer a cidadania de forma plena.

Nesse cenário, a violência escolar irrompe como consequência ao mal-estar inserido no ambiente escolar. Zuin (2008) alerta para a espetacularização desta violência pelos veículos de comunicação de massa na busca por audiência e sem o compromisso social de debater possibilidades de prevenção e enfretamento desta problemática. Acreditamos que uma educação de qualidade passa pela melhoria da qualidade de vida dos estudantes e de uma escola mais republicana, inclusiva e socialmente referenciada.

Referências

ANACLETO, Julia M. B.; FONSECA, Paula Fontana. De que crise se trata na adolescência contemporânea? Algumas considerações psicanalíticas e educacionais. **Educação em Revista**, v. 37, p. e24157, 30 ago. 2021. DOI 10.1590/0102-469824157.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publicafolha, 2000.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, n. 8, p. 432–443, dez. 2002. DOI 10.1590/S1517-45222002000200016.

COUTINHO, Luciana; MADUREIRA, Bruna. Os Cortes na Adolescência e a Busca por um Lugar na Cidade. **Educação & Realidade**, v. 46, p. e109167, 14 jun. 2021. DOI 10.1590/2175-6236109167.

DUNKER, Christian. **Paixão da Ignorância – a escuta entre a psicanálise e educação**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

GIORDANI, Jaqueline Portella; SEFFNER, Fernando; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. Violência escolar: percepções de estudantes e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 1, São Paulo, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2017/02111092>.

GOMES, Gilberto de Miranda Ribeiro e Buso; BITTAR, Cléria Maria Lobo. PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO QUALITATIVO. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 25, p. e223900, 29 out. 2021. DOI 10.1590/2175-35392021223900.

JUCÁ, Vlândia dos Santos; VORCARO, Angela Maria Resende. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicologia USP**, v. 29, p. 246–252, ago. 2018. DOI 10.1590/0103-656420160157.

KEHL, Maria Rita. **A “teenagização” da cultura**. Folha de São Paulo, Caderno Mais, 1998.

LACERDA, Guilherme Selvero; AZAMBUJA, Marcos Adegas. Extra, Extra! Adolescência e ideal cultural: vendendo imagens e jornais. **Disciplinarum Scientia: Série: Ciências Humanas, Santa Maria**, v. 16, n. 1, p. 43-60, 2016.

LEGNANI, Viviane Neves; D’ARAGÃO, Sergio; SPINOLA, Juliana Morais; PALADINO, Luiza Mader. Grupos de adolescentes no espaço escolar: o papel do professor face às fraternias adolescentes. **Linhas Críticas**, v. 18, n. 35, p. 209-226, 2012.

LESOURD, Serge. **A Construção Adolescente no Laço Social**. Psicanálise e Educação, Editora Vozes, 2004.

ROCHA, Ana Paula Rongel; GARCIA, Cláudia Amorim. A adolescência como ideal cultural contemporâneo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 28, n. 3, p. 622–631, 2008. DOI 10.1590/S1414-98932008000300014.

ZUIN, Antônio. A educação de Sísifo: sobre ressentimento, vingança e amok entre professores e alunos. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 583–606, ago. 2008. DOI 10.1590/S0101-73302008000200014